

# O velho, o rapaz e a memória

«Universos e Frigoríficos», de Jacinto Lucas Pires, é a estreia dos Actores Produtores Associados. Uma história de amnésia

MARIA JOÃO CAETANO

Era uma vez um rapaz que acordava de manhã num parque com uma ligadura na cabeça e uma pistola no bolso. Ele não se lembra de nada. Esta história podia ser contada de várias maneiras, Jacinto Lucas Pires quis contá-la em teatro. O livro, a que chamou *Universos e Frigoríficos*, foi editado no ano passado pela Cotovia e a peça chega aos palcos pelas mãos dos Actores Produtores Associados, com encenação de Manuel Wiborg. Estreia amanhã em Faro.

O rapaz acordava. Aparece um velho, que fala de tudo e mais alguma coisa. Depois uma rapariga, que pergunta: «Quem és?» E o rapaz: «É um velho meio louco. Faz discursos sobre universos e frigoríficos.»

E pronto. Assim se explica um título que poderia parecer algo disparatado. Quando faz sol, Jacinto Lucas Pires diz que «está

**A peça termina com um beijo: algo que Jacinto queria «muito autêntico», mas que ao mesmo tempo «é kitsch»**

tempo de universos, não de frigoríficos», que é assim uma maneira de dizer que o dia lhe está a correr bem. Falar de «universos e frigoríficos» é falar de coisas boas e más. Ficção e realidade. O que poderia ser e o que é de facto. Como acontece nesta peça.

E o que é que acontece? Ouve-se *Nowhere Man*, há um rapaz amnésico, um velho vagabundo com excesso de memória, uma rapariga que representa a esperança no futuro e que se apaixona pelo rapaz e um músico ciumento e covarde. O rapaz acordava, o velho filosofava, o músico queixava-se. No meio de uma briga, o músico mata o velho. Aparece a rapariga. «Queres fugir comigo?» Os jovens beijam-se na boca. Fim.

Mas não podia ser só isto. Pelo meio vamos conhecer o passado deste rapaz, que descobrimos chamar-se Francisco. A família: uma mãe obcecada por telenovelas; um pai pouco carinhoso; um irmão e os seus *headphones* cheios de *Ob-la-di-ob-la-da*. E depois os amigos: Francisca – de cabelo vermelho, saia de couro, vontade de ser mais inteligente do que é e de ler livros de arte ao som de *That boy*; Facada – um *rockabilly* cheio de tiques e gestos de cinema, gosta de Francisca mas não a percebe; Cocó e Ranheta – dois irmãos algo bobos.

No final, o rapaz esquece definitivamente o passado («talvez eu não me queira lembrar») e opta por viver o futuro. E por construir a sua vida a partir do sonho.

Do texto de Jacinto Lucas Pires à encenação de Manuel Wiborg vai uma distância colorida, em especial por causa dos cenários e das músicas dos Beatles (algumas delas já estavam previstas no texto, mas muitas foram introduzidas para dar continuidade à acção e para preencher o vazio da mudança entre os quatro cenários).



JARDIM. Quando acordava, num banco de madeira, o rapaz conhece um velho vagabundo e um músico ciumento. Este parque transforma-se no seu mundo

Jacinto acompanhou de perto a produção da sua primeira peça, «dando opinião sem ser paternalista».

«Consegui controlar-me», diz, o que é difícil para alguém que confessa ter «um lado de encenador». Desta vez não encena, mas não põe de parte a hipótese de o fazer no futuro. Já lhe custou bastante a experiência de escrever o argumento para uma curta-metragem de Pedro Caldas («depois de assistir duas vezes às filmagens, desisti»). Agora, está empenhado no projecto «Cinema Amor», com os Artistas Unidos, e

decidido a experimentar o seu «lado de artífice».

O que não significa que com *Universos e Frigoríficos* se tenha limitado a escrever. À medida que as palavras lhe iam surgindo, Jacinto deu por si a representar a sua própria peça, a dizer as falas, a fazer os gestos que descrevia. «Só para ver se funcionavam», explica. Talvez por isso não tenha ficado surpreendido com o trabalho que os actores fizeram.

«O mais difícil de tudo, e eu sabia-o, era a mudança de tom entre as várias cenas», reconhece o au-

tor. De uma primeira cena «mais poética, cheia de neblina», passamos para a cena doméstica, «mais convencional e naturalista». O mundo dos amigos é «artificial» e a história termina num regresso ao jardim, com o «fechar do círculo». E o beijo, algo que Jacinto queria «muito autêntico», mas que ao mesmo tempo «é nitidamente kitsch».

Entre os diálogos mais naturalmente poéticos, temos cenas da vida quotidiana, crítica social e espaço para o sonho. Jacinto Lucas

Pires está convencido de que muita da força da peça reside precisamente nesse salto. «O trabalho do autor é dar pistas e indicações para a representação, mas é também complicar. Se eu fosse encenador, gostaria do desafio.»

Manuel Wiborg também gostou. A proposta para encenar *Universos e Frigoríficos* partiu de Jorge Silva Melo, assessor da administração do Centro Cultural de Belem para o teatro e programador nessa área, e os Actores Produtores Associados (APA – *ver caixa*) decidiram começar assim a sua carreira com a história de uma «personagem abstracta».

Um rapaz que, como explica o encenador, «por ter amnésia traduz um pouco a nossa geração e a sua falta de identificação cultural». A que ajudam as músicas dos Beatles, o homem azul, o vestido de tule cor-de-rosa da rapariga e os cenários (de Xana), que mostram «os mundos pequeninos e estereotipados do que pode ser a vida de um jovem».

Gracinda Neves, Joana Bárcia, Sylvie Rocha, António Simão (que recebeu no dia 6 o Prémio Ibero-Americano por *Uma Solidão Demasiado Ruidosa*), Bruno Bravo, Ivo Alexandre, Miguel Moreira e o próprio Manuel Wiborg são os oito actores (e cantores) de *Universos e Frigoríficos*, jovens que já se encontraram noutros palcos (*António Um Rapaz de Lisboa* ou *A Queda do Egoísta Johann Fatzler*). Os figurinos são de Rita Lopes Alvez e a luz de Pedro Domingos.

Por motivos de (des)programação do CCB, *Universos e Frigoríficos* só vai subir ao palco do Pequeno Auditório no dia 28 de Novembro. Antes disso, o espectáculo tem antestreia marcada para amanhã no Teatro Lethes, em Faro, e segue depois para o Centro Cultural de Lagos (dia 21).



AUTOR. Jacinto Lucas Pires seguiu a produção: «Tive que me controlar»

## Actores unidos ou o teatro a quem o representa

Os Actores Produtores Associados (APA) é uma sociedade por quotas fundada em Setembro do ano passado e composta pelos actores Manuel Wiborg, António Simão e Mónica Calle. *Universos e Frigoríficos* é a primeira produção da APA, sociedade que tem como objectivo «permitir a independência do criador em relação ao produtor».

«São os actores que escolhem os trabalhos que vão fazer e como os vão fazer», explica Manuel Wiborg. «O que nós queremos é uma responsabilização do actor. Não é só estar em palco e dizer aquelas palavras, mas escolher as palavras que vai dizer.» Assim, a APA funciona como uma cooperativa, que não tem uma direcção estética («porque não tem um encenador») e está aberta aos estilos dos vários actores.

Diário de Notícias

16-11-98